

## Jacques Le Goff – considerações sobre contribuição para a teoria da história

José Costa D'Assunção Barros\*

### Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar e discorrer sobre as principais contribuições do historiador francês Jacques Le Goff, enfatizando sua contribuição para a historiografia, no sentido mais restrito – aqui considerada o campo mais amplo da Teoria e Metodologia da História – assim como para a historiografia medievalista. Faz-se aqui, também, uma recuperação dos dados de sua trajetória biográfica, no sentido de melhor contextualizar a sua contribuição para a teoria da história, através de sua liderança do grupo conhecido como *Nouvelle Histoire*.

**Palavras-chave:** Le Goff; Historiografia; Teoria da história.

### Jacques Le Goff e sua importância para a historiografia francesa

Jacques Le Goff pode ser considerado um dos mais importantes e influentes historiadores franceses das últimas décadas. Seu nome, independente do seu valor mais específico como medievalista e da sua contribuição mais generalizada para a historiografia como um todo, é quase sempre associado automaticamente a *Nouvelle Histoire* – um movimento de historiadores franceses que muitos historiógrafos consideram como constituído por uma terceira geração da célebre Escola dos Annales. A associação de Le Goff a *Nouvelle Histoire* faz-se não apenas em virtude da contribuição de suas obras para esta nova historiografia francesa que, consolidando-se a partir do final dos anos 1960, desenvolve-se em torno da referência aos Annales. Ocorre que este historiador francês também assumiu um destacado papel de liderança em relação a esse movimento. Além de ocupar posições importantes na direção da Revista dos Annales e de outras instituições ligadas ao grupo, Le Goff é também o autor de importantes textos e manifestos que têm ajudado a definir a identidade da *Nouvelle Histoire* nos termos de propostas específicas de ver e fazer a História, sem contar o seu

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

papel como organizador de grandes livros coletivos com artigos e ensaios dos diversos historiadores do grupo (LE GOFF, 1988; LE GOFF; NORA, 1988).

Muitos autores têm atentado para a extraordinária importância de Jacques Le Goff para os estudos medievais e têm examinado a sua contribuição sob este prisma, o que é uma forma certamente adequada de avaliar a riqueza da sua produção historiográfica. Neste ensaio, embora abordemos em um momento inicial esta sua contribuição como medievalista, daremos mais atenção ao Jacques Le Goff preocupado com a Historiografia, Teoria e Metodologia da História. Nosso interesse principal recairá sobre as idéias de Le Goff a respeito da historiografia como um todo, dos modos de ver e fazer a História, dos caminhos que vêm sendo tomados pela nova historiografia. A sua posição como autor de manifestos e textos teóricos, que ajudou a consolidá-lo na função de líder e representante da *Nouvelle Histoire*, será o nosso principal objeto de análise. Justifica a nossa escolha de enfoque o fato de que já existem, de autoria de medievalistas brasileiros, excelentes visões panorâmicas acerca do Jacques Le Goff medievalista, assim como artigos que abordam aspectos específicos dos estudos de Le Goff sobre a Idade Média. Os ensaios sobre a contribuição de Le Goff para a Teoria e Metodologia da História, por outro lado, são mais raros, e justificam um maior investimento neste momento.

Para uma leitura sobre Jacques Le Goff centrada na sua posição como medievalista, recomendamos trabalhos já realizados, inclusive de autores brasileiros, tal como o texto produzido por Andréia Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva para a coletânea **Historiadores do Nosso Tempo** (LOPES; MUNHOZ, 2010). Além de textos que permitem uma visão panorâmica sobre a obra de Jacques Le Goff como medievalista, a historiografia brasileira também conta com artigos sobre outros aspectos específicos da sua obra, como a sua concepção da representação do tempo medieval (RUST, 2008). No plano internacional, são referências importantes as coletâneas de textos sobre Le Goff organizadas por Miri Rubin (1997) e Jacques Revel em associação com Jean Claude Schmitt (1999), esta última trazendo um ponto de vista interno à própria *Nouvelle Histoire* a respeito de um dos seus maiores líderes.

### **Principais balizas de uma trajetória profissional**

Jacques Le Goff nasceu em Toulon (França), em 1924. Após a Segunda Guerra Mundial, depois de uma passagem de estudos por Praga (atual República Checa), e de

trabalhar como professor-assistente na Universidade de Lille, já na França, ele termina por se estabelecer definitivamente em Paris – cidade na qual se desenrolaria toda a sua carreira profissional, inclusive a sua articulação ao grupo de historiadores ligados à Revista dos Annales. Desta maneira, o historiador francês faz parte da geração que era adolescente ou muito jovem durante a ocupação alemã da França, e que já viverá o seu primeiro período de atuação profissional no seio de uma nova ordem mundial contextualizada pela Europa posterior à Guerra. Mais especificamente em relação ao universo da historiografia, Le Goff pertencerá ao grupo de historiadores franceses que, mais tarde, ficaria conhecido por muitos como “terceira geração dos Annales”, e que construiu a sua identidade mais específica em torno da noção de *Nouvelle Histoire*.

A projeção maior no grupo dos Annales fortalece-se com sua indicação, em 1960, para assumir um posto na VI sessão da *École pratique des Hautes Études*, conquistando, dois anos depois, a posição ainda mais elevada de Diretor de Estudos nesta instituição. Este é o período de íntima colaboração com Fernand Braudel, que, na ocasião, era o primeiro nome na hierarquia dos Annales. Em breve, todavia, uma nova configuração político-institucional iria alçar Jacques Le Goff a uma posição de grande destaque na hierarquia desse movimento historiográfico. Em 1968, por ocasião das manifestações de Paris – as quais foram catalisadoras de tantas transferências de poder e redefinições de rumos na cultura francesa – Le Goff tinha 45 anos e já era um autor renomado, pronto a assumir um papel importante na liderança da nova geração de historiadores franceses, que substituiria a antiga liderança de Fernand Braudel e Ernst Labrousse no grupo dos Annales. Esta passagem do comando das instituições ligadas aos Annales de uma geração para outra – de Braudel e Labrousse a toda uma plêiade de historiadores mais novos como Le Goff, Pierre Nora, Marc Ferro, Andrés Burguière e Le Roy Ladurie – não se deu sem tensões, e já existem estudos importantes que têm se empenhado em examinar todas as implicações relacionadas ao estabelecimento da liderança dos historiadores ligados à terceira geração<sup>1</sup>. De todo modo, a partir desse momento, e até agora, Jacques Le Goff passaria a ocupar uma posição central na liderança institucional e editorial da nova geração de historiadores franceses que se postulava como herdeira dos antigos Annales. Em 1972, por exemplo, torna-se

---

<sup>1</sup> Há controvérsias em torno de como se teria dado essa passagem de poder. Marc Ferro sustenta que um novo grupo teria conseguido “defenestrar o velho mestre” (FONTANA, 2000, p. 279). De todo modo, os fatos são bem conhecidos: em 1969, Braudel cede o controle editorial dos Annales ao novo grupo e, em 1970, demite-se da presidência da VI seção da École Pratique de Hautes Études, que logo se transformaria em universidade com o nome École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Sobre isto, ver Wallerstein (1989, p. 16).

presidente da VI sessão da École pratique des Hautes Études, que se tornaria autônoma em 1975. Desde então, o seu poder e prestígio tornou-se inabalável nas instituições ligadas ao movimento dos Annales.

A importante posição de Jacques Le Goff nessa nova fase do grupo de historiadores franceses ligados à Revista, da qual passou a ser um dos diretores já em 1969, pode ser evidenciada pelas grandes tarefas que, em vários momentos, foram-lhe atribuídas, em particular a organização de duas grandes coletâneas de trabalhos da nova geração de “analistas”: **Faire de l’histoire** (1974) e **Nouvelle Histoire** (1978). Produziu, para ambas as coletâneas, prefácios que anunciam de maneira clara e decidida a carta de intenções da terceira geração de historiadores dos Annales, se admitirmos essa continuidade entre esse novo momento e as duas gerações anteriores de “annalistas”. A esses textos, voltaremos mais adiante. Por ora, será oportuno empreender uma leitura da contribuição de Jacques Le Goff para os estudos medievais.

### **Le Goff medievalista**

A vasta contribuição de Jacques Le Goff para os estudos sobre a Idade Média espalha-se pelo interesse em diversificadas temáticas, entre as quais o comércio, a vida urbana, as universidades, a literatura e o imaginário. Entre as obras sobre a Idade Média, as quais se iniciam com a publicação de **Mercadores e banqueiros na Idade Média** (1956)<sup>2</sup>, podem ser destacadas algumas que já conquistaram lugar definitivo na literatura medievalista de nossos dias, tais como **Os intelectuais na Idade Média** (1957), **Para um novo conceito de Idade Média** (1977), **O nascimento do Purgatório** (1981), **O Imaginário Medieval** (1985), **A bolsa e a vida** (1989), **São Luís** (1996) e **Uma longa Idade Média** (1998). Vale lembrar que Jacques Le Goff organizou ainda coleções de estudos medievais de vários autores, entre os quais **O Homem Medieval** (1989) e **Dicionário temático do ocidente medieval** (2002).

De modo geral, em termos de modalidades historiográficas, pode-se dizer que a produção de Le Goff como medievalista partilhou-se, principalmente, em torno dos campos históricos que ficaram conhecidos como História Cultural, História das Mentalidades, História do Imaginário e Antropologia Histórica. Outro campo muito evidente de seu interesse é o da História Urbana, que lhe rendeu uma obra mais geral

---

<sup>2</sup> As datas entre parênteses dos livros de Le Goff fazem referência ao ano de publicação dos originais, a fim de se estabelecer uma cronologia de sua obra. N. do E.

sobre a cidade medieval (LE GOFF, 1992) e diversos artigos mais específicos. A História Econômica, particularmente na primeira fase de sua produção, também foi um campo histórico importante na sua produção medievalista. Deve-se ressaltar, todavia, que se trata de um interesse pela história econômica muito específico: sempre conectado com os aspectos culturais, as representações, a construção de identidades, os elementos da história social ligados ao imaginário e às mentalidades, a vida cotidiana e, conseqüentemente, estabelecendo, também aqui, uma conexão com a Antropologia Histórica.

Basta examinar a primeira obra de Le Goff com uma temática voltada para questões econômicas – a qual coincide, aliás, com o seu primeiro livro publicado – para nos darmos conta de que temos aqui um historiador principalmente preocupado com os aspectos culturais, com a vida cotidiana, com o imaginário e as representações. **Mercadores e Banqueiros na Idade Média** (1956) foi uma obra encomendada pela célebre coleção “*Que sais-je?*”. Desse modo, o âmbito econômico surgiu através de uma demanda editorial, mas isso não impediu que o historiador francês o orientasse para o seu campo de interesse genuíno: as condições de vida, as relações com a Igreja e as contribuições culturais, sem descurar da incontornável reflexão sobre o papel sócio-econômico dos homens de negócios no período situado entre o século XI e o século XV<sup>3</sup>. As relações entre a economia e a religião, aliás, mereceriam a atenção de Le Goff em um livro posterior: **A bolsa e a vida** (1989). Discutindo como teriam surgido noções e concepções que, no período medieval, procuraram fazer a mediação entre as práticas mercantis e as representações religiosas, inclusive a emergência do conceito de Purgatório, pode-se dizer que Le Goff se entrega ali a um projeto similar ao qual já se havia dedicado Max Weber, em relação ao período moderno, ao examinar **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo** (WEBER, 1996).

A segunda obra publicada por Jacques Le Goff, escrita um ano depois de seu pequeno estudo sobre os banqueiros na Idade Média de 1956, examina **Os intelectuais na Idade Média** (1957) – o que anuncia e confirma claramente os interesses efetivos de Jacques Le Goff pela cultura, pelas formas de sensibilidade e pelo imaginário, instâncias de investigação que se converteriam realmente nas principais tônicas de sua produção historiográfica. De igual maneira, a retomada da reflexão sobre a economia medieval

---

<sup>3</sup> Ver os comentários de Andréia Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva no ensaio sobre Jacques Le Goff (LOPES; MUNHOZ, 2010, p. 138). Vale lembrar ainda que a tese de Le Goff já o havia inserido nessa conexão entre a economia e o âmbito cultural, uma vez que abordava “As idéias e atitudes em relação ao trabalho, na Idade Média”.

em conexão com o imaginário e a vida cotidiana – através de artigos como “Idade Média: tempo da Igreja e tempo do Mercador” de 1960<sup>4</sup> – permite inferir considerações na mesma direção: mesmo nos trabalhos dedicados ao campo da Economia, sempre encontraremos a Cultura e o Imaginário, além dos estudos das representações e do cotidiano, como os grandes interesses de Jacques Le Goff, alvo dos seus melhores esforços historiográficos.

É em torno desses eixos, e em sua combinação criativa, que surge uma miríade de temas que foram percorridos pelo historiador francês, dos quais poderíamos indicar apenas alguns e meramente a título exemplificativo. O Tempo (1960), o Corpo (2003), o Riso (1994), a Literatura (1977), a Universidade (1957), o Purgatório (1981), as representações da desigualdade (1965), as formas de sociabilidade e de intolerância, as representações religiosas, a Guerra, a Paz, o Sonho, dentre outros – tal como o ogro da célebre metáfora de Marc Bloch, nada do que é humano parece ter escapado de ser devorado pela curiosidade historiográfica de Jacques Le Goff<sup>5</sup>.

Por outro lado, Le Goff também aceitou a missão de traçar grandes panoramas sobre a História Medieval, tarefa que o forçou a examinar esse período histórico a partir de uma perspectiva complexa que, ao menos durante essa fase, não permitia a parcelarização da atenção historiográfica. Obras como **A civilização do Ocidente Medieval** (1964), grande síntese que desenvolve uma perspectiva mais geral sobre a Idade Média, ou como **O apogeu da Cidade Medieval** (1992), que examina de maneira complexa e multifacetada a história urbana medieval, revelam esse esforço de atender a uma agenda herdeira da perspectiva de “história total”, encaminhada pelas duas gerações anteriores de “annalistas”. É ainda a missão de colaborar com as grandes sínteses o que sustenta outra obra, **Uma breve História da Europa** (1996), – esta dedicada a um público mais amplo e escrita em uma linguagem didática que visava atender aos interesses de uma obra de divulgação. Um projeto análogo, aliás, seria encomendado a Le Goff para uma coleção francesa, concretizando-se com o livro **A Idade Média explicada aos meus filhos** (2006).

A atenção ao estudo de objetos e temáticas específicas, mas de quando em quando interrompida por trabalhos que empreendem esforços de síntese, é sintomática

---

<sup>4</sup> Sobre os estudos de Le Goff acerca do tempo medieval, ver o artigo de Leandro Rust, “Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média” (2008, p. 1-19).

<sup>5</sup> A metáfora do ogro historiador, criada por Bloch, foi aplicada por Jacques Revel e Jean-Claude Schmitt no título de uma obra coletiva dedicada a Jacques Le Goff (1999).

para o caso de Le Goff. Seria muito típica deste historiador, na verdade, certa tensão ou dilema entre uma história que se volta mais propriamente para o estudo de instâncias específicas, como a cultura ou o imaginário – a qual seria característica de alguns dos historiadores da *Nouvelle Histoire*, que foram alvejados por François Dosse com a expressão “história em migalhas” (DOSSE, 1994) – e um esforço de síntese que certamente remete a uma antiga tradição dos *Annales*, que pode ser bem representada pela célebre **A Sociedade Feudal** em 1939, de Marc Bloch. Conforme veremos na parte deste ensaio dedicada às contribuições de Jacques Le Goff para a Teoria da História, essa tensão estará no cerne do texto-manifesto escrito por ele como introdução para a obra coletiva **A Nova História** (1978) – um escrito no qual, entre outras coisas, Le Goff busca defender a nova geração de “annalistas” contra acusações que não tardariam a culminar com as críticas de que muitos deles estariam se dedicando a uma “história em migalhas” e à “fragmentação da história”, em detrimento do projeto de “história total”, que um dia teria sido a marca principal das duas gerações anteriores de historiadores relacionados à Escola dos *Annales*.

Apesar de a análise das diversas obras medievalistas de Jacques Le Goff não constituir o principal interesse deste ensaio, é oportuno ressaltar que essa produção, especificamente a mais importante, – em termos de extensão, assinala também a postura desse historiador francês como alguém antenado às transformações que foram ocorrendo na historiografia de sua época. Assim, por exemplo, podemos citar a contribuição de Le Goff ao chamado “retorno da biografia” – o qual devolveu à palheta historiográfica um gênero que vinha sendo relativamente marginalizado entre os historiadores profissionais. Com um monumental estudo sobre São Luís (1996), em obra homônima, Jacques Le Goff presentearia a historiografia francesa com o projeto de estudar toda uma época através de uma figura humana particular, construindo uma biografia problematizada, sinalizadora de um novo modelo biográfico que já vinha sendo esboçado desde os anos 1980. Os quatro estudos sobre São Francisco (LE GOFF, 1999), publicados no livro de mesmo nome, investem na mesma direção.

### **Le Goff e a Teoria da História**

Se a contribuição de Jacques Le Goff para a historiografia medieval é vasta e significativa, têm uma importância análoga os seus trabalhos especificamente direcionados à teoria da história, à metodologia, à historiografia, ou aos manifestos

dedicados a trazer identidade ao grupo que ele passou a liderar a partir de 1969. Podemos lembrar, de saída, alguns textos importantes para o apoio teórico-metodológico da Nova História. Assim, é de autoria de Jacques Le Goff um dos textos de referência acerca de uma das grandes modalidades historiográficas que passaram a se afirmar dos anos 1960 em diante: a História das Mentalidades. Com “As Mentalidades: uma história ambígua” de 1974 – ensaio que integrou a célebre coletânea **Faire L’Histoire**<sup>6</sup> – pode-se dizer que Jacques Le Goff legou à historiografia um dos textos clássicos sobre o conceito de mentalidades. De outra parte, podem ser percebidos, já nesse texto, alguns sinais importantes que anunciam os novos caminhos que logo passariam a ser trilhados pelo historiador francês.

Com o tempo, Le Goff tenderia a valorizar, em detrimento das Mentalidades, que haviam ocupado uma posição conceitual tão importante na primeira fase de sua produção, outra noção que teria longa vida na historiografia francesa: o Imaginário. Não foi por acaso que o prefácio de Le Goff para seu livro **O imaginário medieval** (1985) viria também a se constituir em outra importante contribuição teórica para a compreensão de outra modalidade historiográfica, que se tornaria muito importante para a historiografia francesa a partir das últimas décadas do século XX: a História do Imaginário. Este conceito abriria para ele uma grande diversidade de caminhos temáticos e de possibilidades de fontes, uma vez que Le Goff é ao mesmo tempo cuidadoso e audacioso na sua delimitação do novo conceito que dará sustentação a inúmeros trabalhos seus. De fato, Le Goff define o imaginário de maneira complexa, mas ao mesmo tempo atenta às circunstâncias históricas, tratando-o simultaneamente como uma instância que se abre à multiplicidade e à transformação:

Essas imagens não se restringem às que se configuram na produção iconográfica e artística: englobam também o universo das imagens mentais. E se é verdade não haver pensamento sem imagem, tampouco deveremos deixar-nos afogar no oceano de um psiquismo sem limites. As imagens que interessam ao historiador são imagens coletivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e que se formam, modificam-se, transformam-se. Expressam-se em palavras e em temas. (LE GOFF, 1994, p. 16).

Os dois textos – sobre as Mentalidades e sobre o Imaginário – são citados aqui apenas para ilustrar a importante contribuição de Le Goff para a discussão de noções importantes para a historiografia. A eles, certamente, poderíamos agregar outros textos

---

<sup>6</sup> No Brasil intitulada **História**: novos problemas, novos objetos, novas abordagens. (LE GOFF; NORA, 1988, p. 68-83).

igualmente imprescindíveis, seja para a Teoria ou para a Metodologia da História. É o caso de “História e Memória” (1990) e “Documento/Monumento” (1990), ambos incluídos no volume que, levando o título do primeiro destes dois artigos, reuniu alguns ensaios que haviam sido elaborados por Le Goff para a enciclopédia italiana **Einaudi**.

Igualmente importantes são os ensaios nos quais Jacques Le Goff se posiciona diante das transformações historiográficas que iam ocorrendo em seu próprio tempo, tal como o artigo “A Política: será ainda a ossatura da História?” de 1972. Este, ao mesmo tempo denuncia e pronuncia o reconhecimento do chamado “retorno da História Política” ao âmbito da historiografia francesa. Chega mesmo a admitir a idéia de que, rigorosamente falando, a História Política nunca havia abandonado propriamente o cenário historiográfico, mesmo entre os *Annales*, embora tenha se beneficiado certamente de transformações importantes que a faziam se distinguir muito claramente da velha História Política. Conforme se vê, uma característica importante do pensamento teórico e historiográfico de Jacques Le Goff é a sua capacidade crítica de se adaptar às novas demandas, de redefinir caminhos a serem seguidos.

Neste ensaio, escolhemos para analisar em detalhe as proposições e sugestões explícitas, e também implícitas, que se acham registradas em um trabalho teórico específico. Trata-se do texto-manifesto que serviu de apresentação para a coletânea organizada por Jacques Le Goff sob o título de **A Nova História** (1978) – a qual reúne ensaios de historiadores diversos ligados à herança francesa da Escola dos *Annales*, conforme este mesmo grupo de historiadores costumava se identificar. Acreditamos que o seu exame oferece um caminho mais sintético para a compreensão de algumas das principais posições teóricas, metodológicas e historiográficas de Jacques Le Goff – as quais talvez ficassem um pouco dispersas se optássemos por examinar todo o conjunto de textos teóricos e metodológicos de sua autoria. Por outro lado, será interessante compreendermos em maior profundidade a posição de Jacques Le Goff perante a herança identitária que havia recebido dos *Annales* – bem ancorada em referências como as de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel – e que precisava ser reassimilada pela proposição de que a *Nouvelle Histoire* trazia algo de novo. Presta-se, admiravelmente, a esse exercício, a comparação do texto-manifesto com um prefácio escrito por Jacques Le Goff, em 1993, para uma reedição da **Apologia da História**, de Marc Bloch (1941-1942).

## **Le Goff e a Nova História**

Precisamos entender certas posições teóricas e historiográficas de Jacques Le Goff não apenas a partir da consideração de sua perspectiva individual, pois elas são obviamente interferidas pela destacada posição de liderança que ele precisou assumir em relação aos historiadores da *Nouvelle Histoire*, os quais passaram a ocupar, institucionalmente, as antigas posições que haviam sido antes controladas pelos historiadores da chamada segunda geração dos Annales. Nesse sentido, é oportuno recuperarmos o contexto em que essa nova geração de historiadores passa a se afirmar.

A terceira fase dos Annales abre-se a uma ampla diversificação de objetos e dimensões de estudo, em alguns casos até mesmo a um excesso de novos objetos e a certa fragmentação do conhecimento historiográfico. A ampliação de campos históricos e de temáticas possíveis aos historiadores já não tem limites nesses novos tempos. Há uma história para tudo o que é humano, e mesmo espaço para uma “história sem homens”, tal como propõe Le Roy Ladurie com sua **Histoire du climat** (1967). Na fase pós-1968 dos novos Annales, começam a se multiplicar vertiginosamente os novos campos historiográficos. Além dos campos históricos já tradicionais, como a História Cultural, a Nova História Política, a História Econômica, começam a surgir inúmeros outros, em muitos casos bem específicos, como a História do Medo ou a História do Olfato, consolidando-se aqui uma profusão de domínios temáticos, por vezes esdrúxulos, por vezes surpreendentes e inusitados. Em virtude das demandas editoriais, da multiplicação de produtores de história, da ampliação extraordinária do público historiográfico e do advento de uma nova era digital, na qual a cultura torna-se, ela mesma, um dos mais importantes objetos de consumo, a historiografia profissional vive ao mesmo tempo uma fase de exuberância e de redefinição dos seus antigos valores.

É interessante observar o discreto constrangimento de alguns dos historiadores dos Annales a partir dos anos 1970. Alguns deles parecem se mostrar assaltados por uma incontornável consciência de que algo do projeto inicial dos Annales havia se perdido com a saída de cena de um importante item do antigo programa dos Annales, que poderíamos definir como uma ambição de “História Total”. Pode-se dizer que a “história total”, se é que ainda era possível utilizar esta expressão, mudara irremediavelmente de sentido. De uma “história do todo”, que buscava articular todas as instâncias do social, passava-se a uma “história do tudo”, que também inclui aquilo que é quase nada, diriam alguns.

O constrangimento sobre a perda de um item importante do programa das duas primeiras gerações dos Annales é precisamente a primeira preocupação expressa no prefácio de Jacques Le Goff para a coletânea que foi intitulada **A Nova História** (1978). Este célebre texto, verdadeiro “prefácio-manifesto” para a nova geração de historiadores franceses que postulava a herança dos Annales, apresenta, de saída, o constrangimento menor de ter de justificar a insistência no uso da expressão “Nova História” para um grupo que quer se conservar como “continuidade” de um movimento que estava já completando quase meio século.

Como continuar justificando como “novos” os rebatimentos insistentes de todos aqueles itens programáticos da já clássica Escola dos Annales, alguns dos quais estavam plenamente assimilados pelo conjunto de historiadores profissionais? A história-problema já se havia tornado lugar comum, e dificilmente, nessa época, poderia ser encontrado algum historiador que teria orgulho de elaborar um trabalho meramente factual. A interdisciplinaridade era já uma prática generalizada entre historiadores de diversas escolas e orientações. A abertura de fontes era uma realidade que ainda não cessara de se expandir. As inovações dos Annales, enfim, faziam agora parte do *métier* de qualquer historiador: estavam integradas à própria matriz disciplinar da História. Onde poderia ser encontrado, ainda, algo de radicalmente novo – que justificasse à nova geração de historiadores franceses se autodenominar uma *Nouvelle Histoire*?

Esta é a pequena tensão que Jacques Le Goff administra com habilidade no seu prefácio-manifesto, juntamente com o item mais difícil e constrangedor da “História Total”. Pode-nos surpreender nesse ensaio o empenho de Le Goff em dar ares de história total ao conjunto de todas as diversificadas experiências produzidas pelos novos Annales, as mesmas que, não tardaria muito, François Dosse (1994) estaria convocando como exemplos para falar dos terceiros e quartos Annales como artífices de uma “história em migalhas”. Vejamos uma passagem do texto:

Mas a história não se contentou em abrir para si mesma, aqui e acolá, novos horizontes, novos setores. Claro, um Pierre Goubert abre para a história nova o campo da demografia histórica, a abordagem, do nascimento até a morte, do indivíduo, de cada família de uma região durante um século graças ao exame minucioso dos registros paroquiais. E Nathan Wachtel, com seu *La Vision des vaincus*, modelo e obra-prima da história nova, dilata essa história às dimensões e fronteiras da etno-história. Mas a própria história nova não se contenta com estes avanços, ela se afirma como uma história global, total, e reivindica a renovação de todo o campo da história. Aliás, de um modo ou de outro, as obras pioneiras num setor da história nova afirmam sua ambição para além de toda a especialização. Tais obras – o *Beauvaisis* de Goubert e *La vision des vaincus* de Wachtel constituem bons exemplos – são livros de

história total em que uma sociedade é estudada e apresentada em seu todo. A esse propósito, o estudo *Montaillou, village occitan* (1294-1324), de Emmanuel Le Roy Ladurie, obra prima da antropologia histórica, manifesta claramente o desejo de totalização da história nova, que é, sem dúvida, expresso de modo mais eloqüente pelo termo ‘antropologia histórica’, substituto dilatado de ‘história’. Toda forma de história nova – que se manifesta como tal – que se abriga sob o estandarte de uma etiqueta aparentemente parcial ou setorial, quer se trate da história sociológica de Paul Veyne ou da história psicanalítica de Alain Besançon, é na verdade uma tentativa de história total, hipótese global de explicação das sociedades grega e romana da Antiguidade ou da Rússia do século XIX, e até mesmo do século XX. (LE GOFF, 2011a, p. 131-132).

Podemos submeter à crítica essa significativa passagem de Le Goff. De fato, os exemplos que o historiador francês oferece neste trecho realmente acenam para a possibilidade de conciliação do objetivo de escrever uma “História Total” a partir de pequenos recortes de espaço ou de estreitas fatias de análise da vida social e humana. Os pequenos recortes de espaço ou lugar que circunscrevem uma vizinhança ou uma família, ou as amplas, mas finíssimas, lâminas que recobrem uma prática ou um conjunto de representações, podem, de fato, ser utilizados para enxergar mais amplo, inclusive para recompor uma “História Total”. A possibilidade de utilizar o micro-recorte, ou a escala de observação reduzida, para enxergar algo mais amplo, também já vinha sendo coerentemente realizada pelos historiadores que trabalham com o campo da Micro-História. Em outras palavras, o todo também pode se projetar na parte, ou ser acessado através da parte, ou pode-se ainda usar a parte como ponte que ao mesmo tempo ilumina e permite atravessar o abismo da totalidade.

A História Total não precisa ser, tal como postula Le Goff, a história de um grande espaço e de um tempo extenso, como a que realizou Braudel em seu Mediterrâneo (1984), ou ainda mais acentuadamente em **A civilização material do capitalismo** (2009) – obra na qual a totalidade adquire proporções planetárias. Mas é verdade também que os exemplos trazidos por Le Goff no texto em análise foram bem escolhidos. Sim, a História Regional, de Goubert, ou a Visão dos Vencidos, de Wachtel, etc. Mas o que fazer com alguns dos livros que ele próprio lista, posteriormente, em um anexo ao seu texto original, as “Notas Complementares”, de 1988? O que fazer com a “história do olfato” de Alain Corbin, que se realiza no livro **Le Miasme et La Jonquille** de 1982<sup>7</sup>? Ou, ainda, o que fazer, para sustentar que temos ainda aqui uma história total (no sentido de história do todo), com a história da higiene do corpo, levada a cabo por

---

<sup>7</sup> Em português, traduzido como **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX** (CORBIN, 1987).

Georges Vigarello em seu livro **O limpo e o sujo** (1996), ou com a **História dos quartos**, de Michelle Perrot (2011)? Seria possível pensar esses temas como caminhos para apreender, se não uma história total, ao menos uma história mais ampla? E, ademais, terá sido esta a concepção dos autores ao escreverem essas obras?

Existe outro texto de Le Goff – o prefácio para a edição de 1993 da **Apologia da História**, de Marc Bloch – no qual ele procura invocar a seu favor, e em benefício da geração da *Nouvelle Histoire*, o próprio espírito de Marc Bloch, utilizando uma citação da **Apologia da História**, quase buscando um argumento de autoridade para a nova tendência da terceira geração dos Annales:

É preciso ler Marc Bloch com atenção neste ponto. Pois os ciosos guardiães de sua memória, ainda mais ciosos na medida em que não são os verdadeiros discípulos, consideram ‘traição’ quando um historiador que invoca, com todos os motivos, a autoridades dos Annales, em lugar da história ‘global’ ou ‘total’ recorta na história um objeto particular. Ora, Marc Bloch escreve: [a partir daqui, Le Goff introduz uma transcrição de um texto da *Apologia da História*]: ‘Nada mais legítimo, nada mais constantemente salutar do que centrar o estudo de uma sociedade em um de seus aspectos particulares, ou, melhor ainda, em um dos problemas precisos que levantam este ou aquele desses aspectos: crença, economia, estrutura das classes ou grupos, crises políticas. (LE GOFF, 2001a, p. 30).

Nessa época, já havia sido publicado o famoso **A história em migalhas** (1994), de François Dosse. O mal-estar dos novos Annales com relação à “História Total” não é incontornável, e sempre se pode conclamar a metáfora da “mudança de pele”, evocada tanto por Febvre (2011) – já em 1946 – como por Braudel (1969), para sugerir, aliás, corretamente, que a historiografia, por ser também histórica, está sempre aberta a mudanças. Mas a questão, aqui, é a tênue tensão com que os novos *annalistas* precisam lidar, invocando uma herança em relação aos Annales ancestrais, mas ao mesmo tempo impulsionados por mudanças que os obrigariam a rever itens do Programa. Neste caso, ainda seriam a mesma escola? Às vezes, vemos os responsáveis pela consolidação da imagem do novo grupo patinar no traiçoeiro gelo das velhas definições, já cristalizadas, ou mesmo “sacralizadas”. No prefácio-manifesto, texto da primeira fase de atuação dos historiadores da *Nouvelle Histoire*, Le Goff deixa escapar este conselho para aqueles que buscam contribuir para a História do Imaginário – um conselho que nem todos poderiam cumprir:

Por isso, o historiador deve escolher como tema de pesquisa o que Pierre Toubert e eu chamamos de estruturas globalizantes. E evocamos o fenômeno do incastellamento, forma original de hábitat rural, constituída entre os séculos X e XIII, a noção de trabalho, a guerra, a desertão rural, a marginalidade. (LE GOFF, 2011, p. 169).

Os terceiros e quartos Annales, sob a liderança de Jacques Le Goff e de alguns outros historiadores do núcleo central dos Annales, precisavam enfrentar com criatividade as tensões geradas pelo desejo de evocarem para si mesmos a herança de um grupo e de seu programa, mas já em um contexto que levava os seus temas a se diversificarem, extraordinariamente, em alguns casos ditados por modas editoriais. Não tardará muito a serem constantemente confrontados com pequenas alfinetadas nessa espécie de calcanhar de Aquiles, a começar pela mordaz **A história em migalhas** (1994), escrita nove anos depois do prefácio-manifesto, em 1987. Naturalmente que, nesse novo contexto de confrontos, Le Goff precisou se posicionar – defender posições que não apenas eram suas, mas do grupo que ele liderava institucionalmente. Às vezes, era preciso defender mesmo posições que não eram inteiramente suas. Esse é o ônus da liderança.

Por outro lado, esse grupo razoavelmente grande de novos *annalistas* também desenvolve outras formas de reagir às tensões geradas pelo peso da herança original dos Annales. Para além da posição elegante de Le Goff face às tensões entre a tradição e o novo, já era possível encontrar aqueles que ousavam criticar, com alguma delicadeza e, por vezes, com secreta ironia, os dois ancestrais sagrados, e que, discretamente, já se esmeravam em, de alguma maneira, profanar os velhos ídolos dos Annales. Georges Duby (1919-1996) – historiador que atingiu notoriedade como medievalista e que rivalizou com Jacques Le Goff neste campo de estudos – já se refere à bíblia dos primeiros Annales, a **Apologia da História**, de Marc Bloch, como um texto que envelheceu (BLOCH apud DUMOULIN, 2000, p. 23)<sup>8</sup>, ao mesmo tempo em que, de Lucien Febvre, observa que “[...] retirava sua informação mais das obras literárias do que dos documentos, e muito mais daquelas do que das estatísticas.” (DUBY, 1993, p. 118). Por outro lado, Jacques Le Goff, com a diplomacia que exige o seu cargo de porta-voz dos terceiros Annales, e com alguma admiração sincera por Bloch, ou mesmo por Braudel, assim se expressa em seu prefácio para uma das edições da **Apologia da História** de Bloch, com seu texto cheio de polidas arestas:

---

<sup>8</sup> Por outro lado, nos seus **Dialogues** (1980, p. 40) com G. Lardreau, Duby se refere a Bloch como um de seus “mestres”.

Esforçando-me por ser o discípulo póstumo deste grande historiador que infelizmente não pude conhecer, mas cuja obra e ideias foram para mim, e continuam sendo, as mais importantes em minha formação e minha prática de historiador, e honrado por ter me tornado em 1969 – graças a Fernand Braudel, grande herdeiro de Lucien Febvre e de Marc Bloch – co-diretor dos *Annales*, tentarei simplesmente, nas páginas que vão se seguir, exprimir as reações de um historiador de hoje, um historiador que se situa na tradição de Marc Bloch e dos *Annales* e que se empenha em praticar, no que lhes diz respeito, a fidelidade definida por este último ao assinalar, na nota acima evocada, que a fidelidade não exclui a crítica. (LE GOFF, 2001a, p. 16).

Reaparece nesse texto, como tantas vezes entre os novos “annalistas”, o esforço em conectar as três gerações (os terceiros *Annales* a Marc Bloch e a Lucien Febvre, mas também a Fernand Braudel, o ‘elo necessário’). Tudo isso levemente temperado, todavia, com a tensão que se afirma, logo em seguida, com a prometida “fidelidade crítica”.

Retornando ao contexto intelectual do final dos anos 1960, devemos lembrar que, além das temáticas e dimensões de estudo, diversificam-se naquele momento, no planeta historiográfico que recobre a Europa e as Américas (e não apenas na França dos *Annales*), as abordagens. Após a década de 1970, a História Quantitativa, antes senhora quase suprema nos espaços institucionais dominados pelos *Annales* – sempre sob a batuta bem ritmada de Ernst Labrousse, segundo nome na hierarquia braudeliiana – começará também a ser questionada, até mesmo na legitimidade de seu orgulho de ter pretensamente trazido à história o máximo de cientificidade possível, com as análises seriais e com o controle do que se repete e do que varia em uma duração mais longa. Contrapondo-se às antigas orientações de Labrousse, é também um lugar menos privilegiado no cenário historiográfico o que Jacques Le Goff atribui à história quantitativa, quando não explicitamente em seus textos teóricos, também a partir de sua própria prática historiográfica de medievalista, já que habitualmente costuma se valer muito mais das análises qualitativas, amparadas pela apreensão de muitos tipos de fontes, do que das práticas seriais.

Outra posição clara de Jacques Le Goff, neste, como em outros de seus textos teóricos, é a do fortalecimento da importância atribuída à Interdisciplinaridade. Nessa época, a Antropologia será a interlocutora que ocupará o principal lugar de destaque. Alguns chegam a falar em uma “virada antropológica” a partir dos anos 1970. Em vista disso, nas últimas décadas do século XX, a História Cultural passa a assumir uma posição privilegiada entre as diversas modalidades historiográficas, mas sem que outras sejam menosprezadas. A História Econômica já não é mais a senhora absoluta, ou pelo

menos a déspota esclarecida, das preferências historiográficas, e despontam nessas novas décadas as modalidades já mencionadas – a História das Mentalidades e a nova História Política, concebida em novas bases e já livre da factualidade ingênua de sua ancestral oitocentista. Já vimos que, dentre as escolhas temáticas do Le Goff medievalista, predominam amplamente os temas relacionados à cultura, ao imaginário, às formas de sentir e de representar, aos modos de vida. Um novo destaque interdisciplinar é também trazido pela Lingüística, bem como pelas disciplinas ligadas à Crítica Literária, de modo geral, em permanente diálogo com a Literatura, um dos objetos privilegiados pela curiosidade historiográfica de Jacques Le Goff.

Retornando à questão da ampliação temática da historiografia como uma demanda dos novos tempos, pode-se dizer que os terceiros Annales deram sequência à ampliação de questões históricas que um dia os primeiros “annalistas” haviam indicado no seu programa – ainda que essa ampliação, para muitos dos espíritos mais críticos, já começasse a extrapolar em direção a uma perigosa zona para além da qual a história-problema poderia ficar comprometida. De todo modo, o argumento sustentado por Jacques Le Goff nos seus textos teóricos, sobretudo naqueles que serviram de prefácio às obras coletivas dos historiadores da *Nouvelle Histoire*, seria o de que os Novos Annales apenas levaram adiante, até as suas últimas conseqüências, um item fundamental no programa dos velhos Annales. A liberdade temática e a escolha de problemas eram exploradas pelos terceiros Annales com liberdade inigualável.

A ampliação de horizontes temáticos leva, quase naturalmente, ao reconhecimento da expansão das possibilidades de utilização de novos tipos de fontes históricas. Este foi um aspecto historiográfico ao qual Jacques Le Goff sempre esteve muito atento, seja no desenvolvimento de suas pesquisas mais específicas sobre a Idade Média, seja em seus textos teórico-metodológicos. No texto-manifesto que vimos analisando – o qual tem a dupla função de antever novas tendências e de apresentar um balanço do que já foi realizado pelo filão historiográfico dos Annales – Jacques Le Goff deixa entrever a ideia de que o aspecto da metodologia de tratamento de fontes históricas era um item do programa dos Annales que ainda precisava avançar, o que se tornaria realidade precisamente a partir da nova geração que assumira a direção do movimento em 1969. No texto em questão, há um desfecho bastante interessante. Depois de apontar todas as conquistas dos Annales a partir dos vários itens do seu programa, Le Goff indica outros três a serem aprimorados: (1) a concretização efetiva

de condições para incluir na pauta dos historiadores uma correta história comparada<sup>9</sup>, (2) a exploração de novas e mais criativas formas de lidar historiograficamente com o tempo, e (3) o desenvolvimento de uma metodologia mais consciente para a análise de fontes históricas. Jacques Le Goff chega a falar, aqui, em uma nova concepção de documento, uma temática na qual Febvre insistira algumas vezes, mas que, no entender de Le Goff, não havia alcançado uma distância significativa em relação às concepções que já eram trazidas pelos historicistas da antiga escola alemã:

Uma nova concepção do documento, acompanhada por uma nova crítica deste. O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, parcialmente determinado ele próprio por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado tanto para impor uma imagem desse passado como para dizer a “verdade”. A crítica tradicional dos documentos forjados (e Marc Bloch quase não a superou em *Apologia da História*) é muito insuficiente. É preciso desestruturar o documento para entrever suas condições de produção. Quem detinha, em dada sociedade do passado, a produção de testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, tornaram-se documentos da história? É a partir da noção de documento/monumento, proposta por Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*, que a questão precisa ser considerada. Ao mesmo tempo, é preciso localizar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e fundamentá-la tanto nesses seus vazios como na densidade daquilo que sobreviveu. (LE GOFF, 2011a, p. 168).

A relação do historiador com o documento histórico, aliás, sempre foi uma preocupação importante de Jacques Le Goff, que vemos se concretizar, em uma reflexão mais sistematizada, com o texto “Documento/Monumento”, publicado na coletânea de artigos sob o título **História e Memória** (1996) de 1982. Com ensaios como este, podemos dizer que se consolida a contribuição de Jacques Le Goff não apenas para a Teoria da História e para a Historiografia, mas também para a Metodologia da História. Dessa maneira, estabelece-se com muita clareza, em nossos dias, a importância da contribuição historiográfica desse historiador que foi não apenas um grande medievalista, mas também um nome fundamental para a historiografia como um todo.

---

<sup>9</sup> Marc Bloch fora, depois de Henri Pirenne (1923), um dos primeiros historiadores do século XX a discorrer sobre a possibilidade de um novo campo de estudos, a História Comparada. Ver Bloch (1928; 1930).

## Jacques Le Goff – considerations on the contribution to the theory of history

### Abstract

This article aims to analyze and discuss the main contributions of the French historian Jacques Le Goff, emphasizing his contributions to Historiography – here considered the broader field of the Theory and Methodology of History. An evaluation of his contribution to the medievalist historiography and data from his biography will also be undertaken in order to better contextualize the contribution Le Goff made to the theory of history through his leadership of the group known as *Nouvelle Histoire*.

**Keywords:** Le Goff; Historiography; Theory of History.

### REFERÊNCIAS

#### Obras de Jacques Le Goff

LE GOFF, J. **Mercadores e banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. [original: 1956].

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. [original: 1957].

LE GOFF, J. Idade Média: tempo da Igreja e tempo do Mercador. In: **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 43-60. [original: 1960].

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. v. 2. [original: 1964].

LE GOFF, J. Nota sobre sociedade tripartida, ideologia monárquica e renovação econômica na Cristandade do século IX ao século XII. In: **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980. [original: 1965].

LE GOFF, J. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1975. [original: 1972a].

LE GOFF, J. A Política: será ainda a ossatura da História? In: **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1975. p. 221-242. [original: 1972b].

LE GOFF, J. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.) **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 68-83 [original: 1974].

LE GOFF, J. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980. [original: Paris: 1977].

LE GOFF, J. A História Nova. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. F. da (Org.). **Nova História em Perspectiva**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011a. [original: 1978].

LE GOFF, J. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [original: 1980].

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Edições 70, 1990a. [original: 1981].

LE GOFF, J. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. [original: 1985].

LE GOFF, J. **A bolsa e a vida**. São Paulo: Brasiliense, 1989. [original: 1986].

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. [original dos ensaios: 1987-1982] [original do livro: 1982].

LE GOFF, J. **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

LE GOFF, J. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999. [original: 1996a].

LE GOFF, J. **Uma vida dedicada à História**. São Paulo: UNESP, 1998. [original: 1996b].

LE GOFF, Jacques. Entrevista concedida a Hughe Salord e Anne Rapin. **Ciências Humanas**, n. 24, 1996. Disponível em: <[www.ambafrance.org.br/abr/label/label24/sciences/le\\_goff.html](http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label24/sciences/le_goff.html)>. Acesso em: 02 jun. 2002.

LE GOFF, J. **Uma breve História da Europa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LE GOFF, J. **A Europa explicada aos jovens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. [original: 1996d].

LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1998.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 2001b. [original: 1997a].

LE GOFF, J. Prefácio. In: BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a. p.15-34. [original: 1997b].

LE GOFF, J. O Riso na Idade Média. In: **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 65-82. [original: 1997c].

LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001c. [original: 1999].

LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. [original: 2002].

LE GOFF, J. **Uma história do corpo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. [original: 2003].

LE GOFF, J. **A Idade Média explicada a meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2006. [original: 2006].

LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média explicada a meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008. [original: 2007].

LE GOFF, J. **Le Moyen Âge et l'Argent**. Paris: Perrin, 2010.

LE GOFF, J. **À la recherche du temps sacré** : Jacques de Voragine et la Légende dorée. Paris: Perrin, 2011b.

### **Obras organizadas por Jacques Le Goff**

LE GOFF, J. (Org.). **A Nova História**. São Paulo: Martins Fontes, 1990b. [original: 1978].

LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). **História**: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. v. 3. [original: 1974].

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002. 2v.

LE GOFF, J.; WACHTEL, N. **Une école pour les sciences sociales – de la VI section a l'Ecole de Hautes Etudes en Sciences Scoliales**. Paris: CERF, 1996.

### **Bibliografia**

BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 15-34.

BLOCH, M. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1990. [original: 1939].

BLOCH, M. **Os Reis Taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. [original: 1924].

BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: **Revue de Synthèse Historique**. Tome XLVI. Paris: La Renaissance du Livre, 1928. p.15-50.

BLOCH, M.. Comparaison. **Bulletin du Centre International de Synthèse**, Paris, n. 9, jun. 1930.

BRAUDEL, F. **A civilização material do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. [original: 1967 – revisto em 1979].

BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. [original: 1949 – revisto em 1965].

BRAUDEL, F. Les Annales font peau neuve. **Annales**, Paris: A. Colin, n. 3. jul./set. 1969.

CORBIN, A. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. [original: 1982].

DETIENNE, M. **Comparer l'incomparable**. Paris: Seuil, 2000.

DOSSE, F. **A história em migalhas**. São Paulo: Editora Unicamp, 1994. [original: 1987].

DUBY, G. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / UFRJ, 1993. [original: 1991].

DUBY, G. ; LARDREAU G. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1980.

DUMOULIN, O. **Marc Bloch**. Paris: Presses des Sciences, 2000.

FEBVRE, L. Face ao Vento: manifesto dos novos Annales. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. **Nova História em perspectiva**. S. Paulo: Cosac & Naify, 2011. p.75-85. [original: 1946].

FONTANA, J. **Historia dos Homens**. Bauru: EDUSC, 2000.

FRANCO JÚNIOR, H. Entrevista com Jacques Le Goff. **Signum**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 211-233, 1999.

GOUBERT, Pierre. História Local. Tradução Marta M. Lago. **Revista Arrabaldes**, Rio de Janeiro, ano. 1, n. 1, p. 69-82, maio/ago., 1988.

LE ROY LADURIE, E. L'Histoire Immobile [aula inaugural para o Collège de France]. In: **Le Territoire de l'historien**. Paris: Gallimard, 1978b.

LE ROY LADURIE, E.. **Histoire du climat**. Paris: Flammarion, 1967.

LE ROY LADURIE, E. **Montailou: cátaros e católicos em uma aldeia francesa**. Lisboa: Edições 70, 1983. [original: 1975].

LOPES, Marco Antonio; MUNHOZ, Sidnei J. (Org.). **Historiadores do nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010.

PERROT, M. **História dos quartos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. [original: 2009].

PIRENNE, H. De La méthode comparative en histoire. In: DES MAREZ, G.; GANSHOF, F-L (Org.). **Compte-rendu du Ve Congrès des Sciences Historiques**. Bruxelles, 1923. p.19-32.

REVEL, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **L'ogre historien: autour de Jacques Le Goff**. Paris: Gallimard, 1999.

RUBIN, Miri (Org.). **The work of Jacques Le Goff and the challenges of medieval history**. Woodbridge: Boydell, 1997.

RUST, Leandro Duarte. Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média. **Fênix – revista de história e estudos culturais**, Uberlândia, UFU, v. 5, ano V, n. 2, p. 1-19, 2008.

SILVA, Andréia Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues. Jacques Le Goff. In: LOPES, Marco Antonio; MUNHOZ, Sidnei J. (Org.). **Historiadores do nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 135-152.

VIGARELLO, G. **O limpo e o sujo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. [original: 1985].

WACHTEL, N. **La vision des vaincus**. Paris: Gallimard, 1971.

WALLERSTEIN, I. O Homem da Conjuntura. In: LACOSTE, Y. (Org.). **Ler Braudel**. Campinas: Papyrus, 1989. p. 13-29.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996. [original: 1904-1905].

Recebido em abril de 2013.  
Aprovado em junho de 2013.